

} 1.6.

Leonardo Coimbra e a Utopia Cultural

Da Nova Silva a O Criacionismo (1907-1912)

Eliana Brites Rosa*

Livres e fortes, sejamos simples, verídicos e indagadores. Assim terá de ser aquela vida futura, que é a anunciação de hoje e a realidade de amanhã.

(Leonardo Coimbra, *Criacionismo*, 1912)

A nossa comunicação pretende analisar o papel de Leonardo Coimbra, entre 1907 e 1912, enquanto jovem intelectual comprometido com a sociedade do seu tempo, que participou de uma visão utópica do mundo. Coimbra inspirado pelos princípios anarquistas de liberdade e aproximando-se dos valores republicanos de fraternidade e cidadania, colaborou ativamente em projetos de carácter reformador, que visavam o progresso social em Portugal.

* Doutoranda na Universidade de Santiago de Compostela e investigadora no Centro de Estudos do Pensamento Português. Endereço institucional: erosa@porto.ucp.pt

A *Nova Silva* (1907), *Os Amigos do ABC* (1908), *A Águia* (1910), a *Renascença Portuguesa* (1912) e a *Universidade Popular* (1912) constituem o conjunto de cinco programas que formaram a grande utopia de Leonardo: a educação. Todos os projetos mencionados assumiram a missão de intervir e renovar a sociedade, e cada um deles acabaria por deixar marcas no *campo cultural* português do primeiro terço do século XX. Por isso, torna-se pertinente analisar a ação do filósofo portuense entre a última fase da Monarquia Constitucional e os primeiros anos da I República, sendo o contexto histórico da elaboração do *Criacionismo (Esboço de um sistema filosófico)* (1912). Neste sentido, visitar Leonardo na primeira fase da sua vida é também ir ao encontro das raízes de um dos principais movimentos intelectuais do século XX, a *Renascença Portuguesa*. Com esta reflexão, realizada a partir de uma perspetiva histórica, mais concretamente da história política dos intelectuais, pretendemos contribuir para uma maior compreensão do pensamento e da *praxis* política de Leonardo Coimbra.

1. Leonardo Coimbra e o seu contexto histórico: uma introdução

Atualmente, o seu nome e o seu legado constam em obras de síntese de referência do Pensamento Português¹ e sobre os quais já se reúnem centenas de títulos, entre artigos, conferências e teses académicas. Os estudos leonardinos têm sido desenvolvidos sobretudo na perspetiva filosófica, sendo que os historiadores não têm prestado muita atenção a esta figura da cultura portuguesa, que, para além de filósofo e ensaísta, também foi professor e político. Por isso, a participação de Coimbra no contexto histórico do primeiro terço do século XX merece ser analisada em profundidade e sob diversas perspetivas, sendo que ainda falta fazer o estudo da sua teoria e da sua *praxis* política. No âmbito da História, ainda não existem teses de doutoramento sobre o autor do *Criacionismo*; contam-se até ao momento apenas os seguintes estudos: o ensaio de Malheiro da Silva intitulado *Leonardo Coimbra e o Integralismo Lusitano* (1982), a tese de mestrado de Fernando Fava, *Leonardo Coimbra e a I República. Percurso político e social de um filósofo* (2008), e, por último, o artigo de Norberto Cunha "Leonardo Coimbra e a I República" (2011).

¹ Como por exemplo em CALAFATE, Pedro (2000). *História do Pensamento Filosófico Português*, vol.V, tomo I, Lisboa: Editorial Caminho, pp. 55-102; e em REAL, Miguel (2011). *O Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010. O labirinto da razão e a fome de Deus*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 167-208.

Leonardo nasceu em 1883, numa aldeia da Lixa, no Norte de Portugal, no seio de uma família burguesa, sendo o seu pai médico, num contexto rural que acabaria por marcar o seu imaginário. Viveu a primeira fase da sua vida num período conturbado, uma fase de reação e crescente oposição à Monarquia Constitucional, cuja ideologia e modelo governativo deixava de ser aceite por uma parte considerável da população, especialmente junto das camadas mais jovens. Este facto deveu-se não só ao desgaste da Monarquia e ao insucesso do sistema rotativo dos partidos, mas também à ascensão da burguesia e à emergência de novas doutrinas políticas como o Socialismo e o Republicanismo, que traziam consigo um sentimento anticlerical e reivindicativo. O contexto revolucionário europeu, especialmente em França e em Espanha nos anos 70, influencia a opinião pública portuguesa, especialmente a classe média (constituída por pequenos e médios burgueses), que se encontrava insatisfeita com a condição social e qualidade de vida e que por isso se aproxima do Republicanismo, constituindo a sua grande base de apoio na época.

Em 1890, o Ultimato enviado pela Grã-Bretanha, que visava a alteração do mapa português em África reduzindo consideravelmente o seu território, provocou uma vaga nacionalista e ações de protesto contra o regime e o Rei. O 31 de Janeiro de 1891 é a primeira revolta republicana e é paradigmática, na medida em que demonstra a força do republicanismo em Portugal. Ao longo destes anos, para além dos acontecimentos ocorridos no plano político e ideológico, decorria uma grave crise económica e financeira. O Ultimato provocou algumas alterações no campo político, a nível partidário e ideológico, e gerou a instabilidade governativa, fazendo suceder vários governos. A consequência política mais visível deste processo diplomático é o reforço do Partido Republicano e a chegada de João Franco ao poder em 1906 com um regime repressivo. Durante o franquismo, Leonardo Coimbra inicia a sua ação política a propósito da crise académica de 1907, cuja contenda não somente se inseria no âmbito universitário e estudantil, mas refletia toda a situação do país e representava os conflitos políticos que decorriam. Nestes anos, Coimbra envolveu-se em projetos de cariz anarquista, vindo a ingressar no Partido Republicano mais tarde, apenas em 1913, já em plena República.

A transição do século XIX para o século XX, constituindo a última fase da Monarquia e a implantação da República, foi um palco de fortes lutas políticas, contendas ideológicas e tentativas de superação de crise financeira. Tal como hoje, vivia-se em *crise* e numa perceção coletiva de *decadência*, buscando soluções novas, para velhos problemas (como instabilidade governativa, corrupção administrativa, caciquismo eleitoral e *deficit* das contas públicas). As primeiras décadas do século XX apresentaram vários desafios. Após a implantação da República, a 5 de outubro de 1910, um dos maiores desafios foi a

secularização da sociedade e as repercussões na cultura política portuguesa da época, tal como referiu Castro Leal no seu estudo sobre esta problemática².

Para além disso, deu-se a emergência da cultura de massas, fazendo surgir novos gostos e práticas culturais, assim como a visibilidade crescente dos movimentos sociais e das reivindicações da população. Neste contexto, a I Guerra Mundial desempenhou um papel fulcral, gerando uma alteração profunda nos paradigmas da Modernidade, que levariam à crise do Liberalismo e à ascensão do autoritarismo na Europa, fazendo nascer uma nova ordem mundial. Mas, já desde o início do século XX, vivia-se a angústia do progresso e da transformação na Europa, com o aparecimento do automóvel, o êxodo rural e a conseqüente urbanização, acompanhada da industrialização e da alteração da condição da mulher na sociedade europeia, pela entrada no mundo do trabalho e participação nos vários níveis de ensino. Para além destes fatores de mudança social e económica, ainda é de referir a mutação demográfica, marcada pelo crescimento populacional, pelo aumento da esperança média de vida e pelas políticas de natalidade, assim como a crescente preocupação com o bem-estar. Por conseqüência, e em paralelo, no campo cultural e artístico também se viveram muitas mudanças. Neste contexto, deu-se a emergência de novas estéticas e correntes artísticas e literárias, acompanhadas pela proliferação de revistas literárias, periódicos e publicações editoriais de vários géneros. Contudo, e como referiu Luís Trindade, a intelectualidade portuguesa chega aos anos trinta numa crise interna, devendo-se em boa parte à crise estrutural do país, mas também aos limites em que o campo cultural português se tinha constituído. Por isso, os intelectuais durante este período refletiram sobre o seu papel (político) e sobre a sua missão na sociedade portuguesa³. Portanto, a época histórica de Leonardo Coimbra é marcada por múltiplas crises e profundas mudanças, que levaram à elaboração no campo intelectual português de utopias e projetos reformadores, que visavam especialmente o progresso moral e civilizacional. Por tudo isto, emergiram novos paradigmas políticos, sociais, económicos e, como não poderia deixar de ser, culturais. Os intelectuais reformulam ideias sociais e políticas, intervêm politicamente através do campo cultural e participam diretamente na esfera do poder político, não só no envolvimento em partidos, mas também no acesso a cargos; o percurso de Leonardo Coimbra constitui um estudo paradigmático para a história política dos intelectuais portugueses no início do século XX.

² LEAL, Ernesto Castro (2010). «República portuguesa, secularização e novos símbolos (1910-1926)», in *Revista da Faculdade de Letras – História*, III Série, vol. 11, Porto: FLUP, pp. 121-134.

³ TRINDADE, Luís (2007). «Introdução à Vida Intelectual. Intelectualidade, crise e senso comum nos anos 30 em Portugal», in *Cadernos do CEIS20*, n.º 4, Coimbra: CEIS20, pp. 7-35.

De facto, desde finais do século XIX, em Portugal e na Europa, o *campo de poder* deixa de ser um domínio exclusivo da esfera política e económica, onde membros da burguesia letrada também passam a intervir, sobretudo através da imprensa. Os *homens da cultura*, imbuídos pelos princípios liberais e científicos, empenharam-se em mudar a sociedade, e se uns se mantiveram nas suas *torres de marfim*, outros viriam a intervir de diversas formas, desde a participação em revistas, organização de projetos cívicos, militância em partidos políticos e até mesmo desempenho de cargos políticos. Tal como mencionou René Remond, o comportamento político dos intelectuais foi bastante abrangente e desenvolveu-se em vários domínios⁴, não sendo portanto o *campo político* o único *campo de poder*, de acordo com o que Norberto Bobbio desenvolve na sua reflexão sobre os intelectuais e o poder⁵. Para uma análise do papel político e da responsabilidade dos intelectuais neste período em Portugal, torna-se importante recuarmos pelo menos ao contexto de Antero de Quental, o qual se destacou pela ação política desenvolvida na liderança da *Liga Patriótica do Norte* (em fevereiro de 1890), assim como ao contexto do 31 de Janeiro de 1891 e do seu *Manifesto dos Emigrados*, onde se destacaram Sampaio Bruno e outros intelectuais da época. Também o poeta Guerra Junqueiro, na mesma altura, a propósito do Ultimato e do “mapa cor-de-rosa”, se envolveu pessoalmente nesta problemática, escrevendo o opúsculo *Finis Patriae*, a *Canção do Ódio* e o poema *Pátria*. A ação destes homens teve repercussões políticas na época e acabaria por influenciar a geração de intelectuais da I República, constituindo importante referência no pensamento de Leonardo Coimbra⁶. O autor de *O Criacionismo*, para além de ter sido um homem de cultura, foi um intelectual comprometido, envolvendo-se em causas cívicas e políticas desde a juventude. Por isso, a sua obra literária propõe uma nova reflexão sobre a Religiosidade, o Homem e a Educação no século XX.

2. Leonardo Coimbra e a Utopia Cultural: a reforma da sociedade portuguesa

Leonardo Coimbra pertence à geração de 1910, da qual muitos nomes hoje são reconhecidos, como Fernando Pessoa, Jaime Cortesão, António Sardinha, Raul Proença, Cardeal Cerejeira e Oliveira Salazar. De acordo com Rui Ramos,

⁴ REMOND, René (1959). «Les Intellectuels et la Politique», in *Revue Française de Science Politique*, n.º 4, pp. 860-880.

⁵ BOBBIO, Norberto (1997). *Os Intelectuais e o Poder*. São Paulo: Editora UNESP.

⁶ FREITAS, Manuel da Costa (1998). «Guerra Junqueiro no Pensamento de Leonardo Coimbra», in *Colóquio Guerra Junqueiro e a Modernidade*, Porto: Universidade Católica/Lello Editores, pp. 69-77.

Leonardo Coimbra foi um dos intelectuais mais influentes que Portugal teve depois da geração de 90, na medida em que criou uma corrente de pensamento, desenvolveu projetos políticos e teve seguidores durante o século XX⁷. Atualmente é considerado um dos principais filósofos portugueses da época contemporânea, tendo-se destacado pela elaboração do *Criacionismo*, que para muitos autores é a filosofia da liberdade. Segundo António Braz Teixeira, a «filosofia criacionista reiteradamente procurará demonstrar a primeira e essencial realidade do espírito, a irrecusabilidade da metafísica e o sentido da filosofia como órgão da liberdade»⁸. Aliás, é a defesa da liberdade e da cidadania que caracteriza a produção literária do autor publicada em vários livros⁹, mas também presente em publicações periódicas, em conferências, comícios e manifestações políticas. À sua presença assídua nesses eventos, levou muitos dos seus contemporâneos a definirem-no como um grande orador, tal como fez o seu amigo Teixeira de Pascoaes, numa homenagem, em 1950: «Leonardo Coimbra é uma Trindade: o orador, o professor, o filósofo. Qual das três pessoas a verdadeira? A pergunta deve ser feita nestes termos: qual das três é a mais verdadeira pois todas elas são verdadeiras. Para mim, é a do orador»¹⁰.

Na nossa opinião, Leonardo Coimbra foi acima de tudo um intelectual, comprometido com o seu tempo. Atuou na sociedade, no meio académico e no Parlamento. Tal como já afirmou Raymond Boudon, a categoria dos intelectuais é *heteróclita*, e está agrupada em quatro categorias: os produtores de ideias, os consumidores de ideias, os mediadores e os mistos¹¹. Na nossa opinião, e seguindo as categorias deste autor, Coimbra foi um intelectual de tipo misto, ou se quisermos foi um intelectual completo, na medida em que foi um produtor de ideias sobre o Homem e a Sociedade, foi consumidor (sendo a sua biblioteca particular prova disso), foi mediador (porque escreveu na imprensa e dirigiu uma revista de grande importância, *A Águia*).

⁷ RAMOS, Rui (Coord.) (1994) «A Traição dos Intelectuais», in *História de Portugal*, vol. 6, Lisboa: Editorial Estampa, p. 529.

⁸ TEIXEIRA, António Braz (2008). *A Filosofia Portuguesa (Séculos XIX e XX)*, Lisboa: INCM, p. 50.

⁹ *O Criacionismo (Esboço de um sistema filosófico)* (1912), *Morte* (1913), *O Pensamento Criacionista* (1915), *A Morte* (1913), *O Pensamento Criacionista* (1914), *A Alegria, a Dor e a Graça* (1916), *A Luta pela Imortalidade* (1918), *A Questão Universitária* (1919), *Camões e a Fisionomia Espiritual da Pátria* (1920), *O Pensamento Filosófico de Antero de Quental* (1921), *Adoração. Cânticos de Amor* (1921), *Do Amor e da Morte* (1922), *A Razão Experimental* (1923), *Guerra Junqueiro* (1923), *Jesus* (1923), *O Problema da Educação Nacional* (1926), *S. Francisco de Assis. Visão Franciscana da Vida* (1927), *Notas sobre a Abstracção Científica e o Silogismo* (1927), *A Filosofia de Henri Bergson* (1934) e *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre* (1935).

¹⁰ PASCOAES, Teixeira (1950). «Lembrança», in AAVV, *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus contemporâneos*, Porto: Livraria Tavares Martins, p. 17.

¹¹ BOUDON, Raymond (2004). *Os Intelectuais e o Liberalismo*. Lisboa: Gradiva, p. 13.

O projeto leonardino de reforma da sociedade, que visava criar um novo homem, passava por resolver questões em torno do Ensino e da Educação, da Religiosidade/Espiritualidade, do papel da Filosofia e da Ciência na Cultura e no Conhecimento. Este projeto, em última análise, desejava uma revolução cultural ao nível das mentalidades, na medida em que pretendia empreender alterações estruturais no pensamento português, criar uma rutura e projetar-se no futuro. Por isso, o autor sempre divulgou a ideia da consciência instruída e livre. Desde a sua juventude defendeu a liberdade e a cidadania e participou ativamente em projetos como *A Nova Silva* e *Os Amigos do ABC*.

Com a implantação da República, aproxima-se do novo regime e envolve-se pessoalmente no processo de mudança, participando logo no início em *A Águia* (dezembro de 1910); pouco depois ingressa na *Renascença Portuguesa* (1912) e participa no projeto educativo do operariado da *Universidade Popular* (1912). Todavia, o utopismo, que marca o percurso político do autor de *A Razão Experimental*, demonstrou em várias circunstâncias que não se coadunava com os projetos políticos do regime republicano.

No início da República, Leonardo Coimbra assume o cargo de Administrador do Concelho da Maia, no qual se mantém pouco tempo. Na opinião de Fernando Fava, tal deve-se ao comportamento de Leonardo perante as instituições republicanas, que estaria ainda com certeza na linha de pensamento anarquista e utópico e indo contra os interesses e a mentalidade da sociedade portuguesa, que estava a dar os passos iniciais no regime republicano¹². Ainda nesse ano, assume o cargo de Diretor do Colégio dos Órfãos de Braga, do qual se demite por se incompatibilizar com a política educativa da instituição e defender novos métodos pedagógicos¹³. Alguns anos mais tarde, em 1919, enquanto Ministro da Instrução Pública, defendeu a reforma do ensino filosófico na Faculdade de Letras, na medida em que considerava importante a Filosofia na formação dos alunos das ciências exatas. A sua proposta não se concretizou por questões académicas e políticas, levando mesmo à extinção da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Em 1922, novamente no cargo de Ministro da Instrução, defendeu a liberdade de ensino

¹² FAVA, Fernando (2008). *Leonardo Coimbra e a I República. Percurso político e social de um filósofo*. Coimbra: IUC, 41.

¹³ «Compete à educação tomar o homem livre, e o homem só será livre quando puder ser o criador dos valores morais por que se regula: Para isso a educação tem de ser integral, não desprezando nenhuma das necessidades do espírito humano nem se escravizando a qualquer preconceito. Assim ela será científica, artística e filosófica», excerto retirado da entrevista "Porque abandonei a directoria do Colégio dos Órfãos de Braga?", publicada no jornal *A Montanha*, Diário Republicano da Tarde, ano I, n.º 246, 15 de dezembro de 1911 e republicada in COIMBRA, Leonardo (2004). *Obras Completas I (1903-1912)*, Lisboa: INCM, pp. 408-409.

religioso nas escolas particulares¹⁴. As grandes polémicas em que se envolveu estão relacionadas com questões pedagógicas e educativas, defendendo uma educação integral, formadora de novas consciências e de novas mentalidades, onde o espiritualismo e o cristianismo ocupavam um lugar especial.

Para além da sua atividade filosófica, que marcou o pensamento português, parece não haver dúvidas de que Coimbra foi um homem que causou polémicas e que durante a I República interveio no plano político. Numa entrevista concedida no ano de 1924 ao jornal *Novidades*, na qual se aborda o seu regresso à vida política, após a rejeição da sua proposta sobre a liberdade de ensino nas escolas particulares, Leonardo faz uma afirmação, que ilustra claramente o seu utopismo e a sua forma de fazer política: «Como vê, do que acabo de lhe dizer, eu não vou fazer política no verdadeiro sentido da palavra. Venho ver se consigo pôr em prática as minhas ideias. [...] Venho fazer política de conciliação. Congregar todos os portugueses que valham alguma coisa, dentro da República. Foi como disse, um dos motivos que me fez regressar à actividade política»¹⁵. Esta entrevista ilustra bem a dimensão que a Política teve no seu percurso, como compreendeu essa dimensão social e o que era para ele fazer política. Por isso, concordamos com Eduardo Abranches Soveral, quando diz que «a militância política foi o segundo amor de Leonardo Coimbra»¹⁶: começou quando tinha 24 anos de idade, no período da Ditadura de João Franco, envolvendo-se na manifestação estudantil portuense realizada no Porto, em prol de Ferrer e Nakens. Também participa ativamente em vários eventos, como por exemplo no “comício anti-jesuítico contra a reacção”, organizado pela Associação do Livre Pensamento, e no comício organizado pelo Comité Pró-Humanidade, em 10 de outubro de 1909, na Casa do Povo Portuense contra a execução de Ferrer. A participação nestes eventos permite antever o empenho em questões políticas de cariz reformista e idealista, promovendo e defendendo publicamente a liberdade, valor que parece não abandonar ao longo do seu percurso intelectual e político e que está na base do seu pensamento. A ação política e cultural de Leonardo Coimbra foi regida por princípios anarquistas até 1910 e aproximou-se dos valores republicanos com a implantação da I República, onde desenvolveu um percurso partidário no Partido Republicano Português e participou na criação da Esquerda Democrática (1925). Durante o regime republicano, foi professor, político e filósofo e em todas as dimensões da sua vida teve presente uma utopia cultural, que consistia na reforma

¹⁴ «COIMBRA, Leonardo», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. VII, Lisboa/Rio de Janeiro: 1940, p. 95.

¹⁵ COIMBRA, Leonardo (2010). *Obras Completas VI (1924-1934)*, Lisboa: INCM, p. 105.

¹⁶ SOVERAL, Eduardo Abranches (1987). «Análise de *O Criacionismo* de Leonardo Coimbra», in *Didaskália*, Revista da Faculdade de Teologia de Lisboa, fascículo 1, Volume XVII, p. 28.

da sociedade portuguesa através da instrução e da cultura. Tal como Bergson, tentou aproximar a Filosofia à vida nos vários níveis de ensino onde lecionou.

Segundo Leonardo o progresso social seria realizável através de um Homem livre e instruído: «Livres e fortes, sejamos simples, verídicos e indaga-dores. Assim terá de ser aquela vida futura, que é a anunciação de hoje e a realidade de amanhã»¹⁷. Com base neste princípios, elementos constituintes do seu sistema filosófico, construirá todo o seu percurso intelectual e político.

O *Criacionismo* foi elaborado ao longo da I República; não consta somente na sua tese apresentada em 1912, pois comporta um conjunto de ideias (filosóficas, sociológicas, políticas e científicas) trabalhadas pelo autor ao longo de vários anos, pelo que deve ser considerado à luz da sua época. O seu contexto histórico é marcado por forte instabilidade social, advinda de crises políticas e financeiras e das inúmeras tentativas de (re)construir a *República*, a qual teve o seu desfecho num golpe militar em 1926 que propiciou a constitucionalização do Estado Novo em 1933 e colocou Portugal numa ditadura durante várias décadas. Aliás, Leonardo Coimbra chega a assistir aos primeiros anos do Salazarismo. Para além do contexto nacional, é importante referir que o plano internacional, onde ocorreram acontecimentos que marcaram a Europa e o mundo, como a Grande Guerra (1914-1918), a Revolução Russa (1917), o *crash* de 1929 e o nascimento de uma nova ordem mundial na Europa, com o aparecimento de líderes políticos como Mussolini e Hitler.

3. Leonardo Coimbra e os projetos reformadores nas vésperas da I República: *A Nova Silva* (1907) e *Os Amigos do ABC* (1908)

Tal como foi anteriormente referido, Leonardo Coimbra notabilizou-se pela defesa da reforma do ensino, sendo a educação um dos seus temas prediletos. A preocupação dos intelectuais com a Educação, assim como com a cultura do povo, ou melhor, a formação cívica, tem as suas raízes no século XIX, com o Liberalismo triunfante em 1820, que defendia ideias românticas, reforçado pela Cultura Política Republicana, que, de acordo com Fernando Catroga, preconizava uma reforma institucional e social, de forma a criar uma nova mundividência, constituída por uma nova espiritualidade e por um novo papel da história e da memória coletiva¹⁸.

¹⁷ COIMBRA, Leonardo (2004). *O Criacionismo (Esboço de um sistema filosófico)*, in *Obras Completas I (1903-1912)*, Tomo II, Lisboa: INCM, p. 378.

¹⁸ CATROGA, Fernando (2012). *O Republicanismo em Portugal. Da formação ao 5 de Outubro de 1910*. Casa das Letras: Alfragide.

De acordo com alguns estudos, a questão da educação e do ensino foi uma das problemáticas mais abordadas em atos públicos republicanos, nas três últimas décadas da Monarquia. A presença deste tema no discurso político da época demonstra a influência do iluminismo e do positivismo no republicanismo, sendo a educação considerada um meio de progresso social e civilizacional, tal como a pedagogia era considerada a ciência de moldar as mentalidades¹⁹. Neste sentido, na transição do século XIX para o século XX, dá-se a valorização da sociologia, da psicologia e da medicina, o que se explica em boa parte pela perspectiva de crença no poder destas ciências para o desenvolvimento humano e social. Para além do papel das ciências na reforma social, a Cultura desempenhou um papel central, na medida em que se acreditava que seria capaz de mudar a sociedade e o rumo da nação, criando uma religiosidade laica, gerando unidade nacional, com novas práticas educativas e um novo papel da escola na sociedade. Por isso, a questão cultural constitui um assunto político de primeiro plano, uma vez que o problema da Educação estava associado aos altos níveis de analfabetismo, à ausência de uma consciência cívica e à presença religiosa no Ensino, sendo que este último fator foi considerado o maior potenciador do atraso social, económico e cultural do país. Neste contexto, desejavam não só uma reforma da Instrução, mas uma Reforma Cultural, que alterasse as mentalidades, de forma a estarem preparadas para aceitar o republicanismo, e permitisse construir uma República. Por isso, desenvolve-se ao longo do século XIX e estende-se até à I República uma utopia cultural, projetos de reforma da sociedade portuguesa através da Cultura, sendo a instrução e as atividades culturais, tais como a literatura e o teatro, encaradas como vias de progresso social e de cidadania.

O impacto do problema da Educação em Leonardo Coimbra é enorme. De 1905, data do primeiro escrito *A Doida*, até à publicação de *O Criacionismo* em 1912, a problemática em torno desta questão já aparece suficientemente representada em artigos como: *Professores*, *As matrículas*, *O Padre Liberal*, *Sobre Educação*, *Estudantes e Operários*, *O Padre e a Educação* e *A Reforma do Ensino Secundário*. Para além disso, Leonardo envolve-se em dois projetos de pendor anarquista: a revista *Nova Silva* (1907) e o projeto a ele associado *Os Amigos do ABC* (1908), que são simbólicos, na medida em que estão na génese, da revista *A Águia* e da Renascença Portuguesa, movimento cultural que assumiu a missão de educar, e portanto desenvolver atividades relacionadas com instrução para adultos e divulgação da cultura à população, no sentido de formar para a cidadania e criar uma opinião pública. É com este

¹⁹ RIBEIRO, Lia (2003). «O Papel dos Intelectuais na Popularização Cultural Republicana», in *Revista da História das Ideias*, vol. 24, Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias, pp. 280-281.

princípio que Leonardo, em 1906, participa numa manifestação política em defesa de Francisco Ferrer, movimento criado no Porto, liderado por Sampaio Bruno contra a prisão do pedagogo catalão, mentor da Escola Livre. A este propósito Leonardo escreve no texto intitulado *Justiça e Liberdade!*²⁰:

«Que o perigo do pensamento encarcerado, da dignidade moral estrangulada, da consciência mutilada por leis repressivas una os homens livres de todo o mundo e faça do fogo da suas almas puras um clarão imenso onde fulgura radiosa a Justiça, onde abra os seus olhos de luz a Bondade! [...] Unamos as nossas vozes a esse coro de almas, que da generosa França se ergue pedindo a liberdade de Francisco Ferrer. Que todas as associações de literatos e jornalistas, professores e operários, médicos e advogados, comerciais, etc., todas as colectividades representativas da actividade humana dêem a esses heróicos combatentes, que da França e do mundo clamam justiça, o esforço de suas almas e esse santo humano, mártir do pensamento livre e da consciência livre, há-de ainda para já ver sorrir-lhe o bondoso Sol das suas Manhãs doiradas!!».

Com estas palavras Leonardo Coimbra revela o seu posicionamento ideológico anarquista, apela à libertação de Ferrer Y Guardia, assim como à defesa da Liberdade e de uma nova pedagogia.

O anarquismo teve grande importância teórica e prática no início do século XX, e por ele passaram na juventude muitos pensadores que depois, com a implantação da I República, acabariam por seguir outras doutrinas políticas, especialmente o republicanismo. O mesmo aconteceu com Leonardo Coimbra. De acordo com Paulo Ferreira da Cunha, a adesão dos jovens ao anarquismo terá sido mais um fenómeno ideológico que filosófico²¹. Neste contexto de primazia das ideias, no ano de 1907, surge a *Nova Silva*, uma revista literária de pendor anarquista e doutrinação libertária, que terá gerado alguma polémica²², e que foi dirigida por Leonardo Coimbra, Álvaro Ribeiro, Jaime Cortesão e Cláudio Basto. Todos eles, com exceção do último nomeado, participaram na criação da revista *A Águia* (1910), que viria a ser o órgão oficial da *Renascença Portuguesa* (1912). A *Nova Silva* teve periodicidade quinzenal, tendo sido publicada entre 2 de fevereiro e 10 de abril de 1907, contando apenas com cinco números. Foi uma revista coordenada por estudantes da

²⁰ COIMBRA, Leonardo (2004). «Justiça e Liberdade! Francisco Ferrer», in *Obras Completas I (1903-1912)*, Tomo I, Lisboa: INCM, pp. 84-87.

²¹ CUNHA, Paulo Ferreira (2008). *Filosofia Política Contemporânea (1887-1939)*. Lisboa: INCM, p. 57.

²² «O nome da revista irritou os cérebros de fenda simiana, profundamente marcada», in *NOVA SILVA. Revista Ilustrada*. Porto, ano I, n.º 1, 2 de fevereiro de 1907, p. 14.

Academia Politécnica e Escola Médico-cirúrgica do Porto, que usufruíam de alguma notoriedade no círculo literário e académico da cidade. O seu aparecimento ocorreu no Governo de João Franco, afirmando-se contra o estado político da nação, que vivia em regime opressivo; durante este período ocorre a Crise Académica de 1907, que rebentou pouco depois da publicação do número 2 (de 17 de fevereiro). Como um dos seus membros foi expulso da Universidade de Coimbra, a revista participou na contestação, fenómeno que acabaria por se estender a outras escolas superiores e secundárias no Porto e Lisboa. Pela agitação social e pela natureza autoritário do governo de João Franco, a imprensa seria controlada e, com base na nova legislação²³, impôs-se maior controlo sobre as publicações, o que provavelmente terá ditado o fim deste projeto de carácter revolucionário e utópico, que defendeu o antimilitarismo, divulgou a Escola Livre, exaltou o indivíduo e o fim da exclusão social e proclamou o anticlericalismo. Nesta publicação existe uma afirmação de Leonardo que é paradigmática: «Sim, Liberdade e com ela o supremo Bem, a suprema Justiça»²⁴. A revista libertária era dirigida ao povo, às classes trabalhadoras, cuja iconografia e caricaturas revelam esse universo social retratado. Neste revista Leonardo participou com cinco artigos²⁵, dos quais merece destaque *O Homem Livre e o Homem Legal*²⁶, publicado no primeiro número, onde o autor se posiciona contra o positivismo e se centra na ideia de Deus, colocando-se no advento da sua teoria criacionista.

Não será possível verificar o verdadeiro impacto desta publicação na sociedade; contudo, com base na informação de Alfredo Ribeiro dos Santos, este projeto impressionou especialmente os estudantes de Liceu²⁷ e, se não causou o impacto desejado pelos seus mentores, pelo menos marcou o início dos seus percursos. Leonardo Coimbra, Jaime Cortesão e Álvaro Pinto, embora tenham desenvolvido percursos diferentes, foram intelectuais comprometidos, envolvendo-se em ações políticas ao longo das suas vidas. Aliás, logo em 1908, e ainda a propósito da Crise Académica, Leonardo Coimbra e Jaime Cortesão criaram

²³ A lei de 11 de abril de 1907, que se completou com o Decreto de 20 de junho de 1907, impõe maior controlo sobre a imprensa; foi publicada um dia depois do último número da *Nova Silva*, 10 de abril.

²⁴ *NOVA SILVA. Revista Ilustrada*. Porto, ano I, n.º 1, 2 de fevereiro de 1907, p. 1.

²⁵ «O homem livre e o homem legal», *NOVA SILVA. Revista Ilustrada*. Porto, ano I, n.º 1, 2 de fevereiro de 1907, pp. 2-4; «Umor místico», *NOVA SILVA. Revista Ilustrada*. Porto, ano I, n.º 2, 17 de fevereiro de 1907, pp. 10-11; «O Despotismo na Família», *NOVA SILVA. Revista Ilustrada*. Porto, ano I, n.º 3, 5 de março de 1907, pp. 2-4; «Por Ferrer e Nakens», *NOVA SILVA. Revista Ilustrada*. Porto, ano I, n.º 4, 24 de abril de 1907, pp. 3-4; «Professores», *NOVA SILVA. Revista Ilustrada*. Porto, ano I, n.º 5, 10 de maio de 1907, p. 3.

²⁶ *NOVA SILVA. Revista Ilustrada*, Porto, 2 de fevereiro de 1907, Ano I, n.º 1, pp. 2-4.

²⁷ SANTOS, Alfredo Ribeiro dos (1990). *A Renascença Portuguesa. Um movimento cultural português*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, p. 61.

um movimento de solidariedade – os «Intransigentes» – com a organização de comícios e greves académicas. Desse acontecimento resulta a publicação de um artigo – *As matrículas* – no semanário *Azorraque*²⁸. Nesse mesmo contexto, surge a revista satírica *Can Can* (1908), dirigida por Jaime Cortesão e com a colaboração de Virgílio Ferreira, onde se lutou por uma revolução²⁹. Na *Ilustração Popular* (1908), os membros da *Nova Silva* voltam a reunir-se com propósitos de intervir na sociedade. No ano seguinte, Leonardo continua a desenvolver a ação de doutrinação anarquista no semanário *Vida* e está presente em atos públicos: participa no Comício de propaganda republicana no Campo 24 de Agosto, no Porto (10 de janeiro de 1909); discursa no Palácio de Cristal do Porto no final da participação do Orfeu; discursa no comício antijesuítico, no Campo 24 de Agosto (julho de 1909); discursa no protesto contra o fuzilamento do professor Ferrer em Espanha (15 de outubro, no Campo 24 de Agosto, 1909)³⁰.

Embora o grupo da *Nova Silva* não tenha criado uma Escola Livre, como pretendia e anunciara³¹, nasceu entre eles Os Amigos do ABC, inspirado na obra *Os Miseráveis* de Vítor Hugo. Este projeto educacional terá tido sede na Rua da Fábrica e dedicava-se a alfabetizar operários e a divulgar a doutrina anarquista³², pois era um projeto dirigido às classes trabalhadoras. De acordo com um testemunho dessa época, Manuel Couto Viana, que frequentou Os Amigos do ABC, Leonardo Coimbra seria alguém que já se destacava nessa altura e que nunca apelou a qualquer tipo de violência³³.

4. Leonardo Coimbra e *A Águia*: o encontro de intelectuais no dealbar da I República

«*A Águia*»

A Águia, sobranceira e altiva, deixa, por instantes, os solitários píncaros da montanha. Soltando gritos heroicos de superioridade, alarga as azas no gesto impetuoso do arranjo e já devora os ares, com fervor de vida e luta. Tremem-lhe as garras, no olhar faiscante perpassam-lhe relâmpagos de tormenta.

²⁸ COIMBRA, Leonardo (2004). «As matrículas», in *Obras Completas I (1903-1912)*, Tomo I, Lisboa: INCM, pp. 106-107.

²⁹ SANTOS, Alfredo Ribeiro dos (1990). *Ibidem*, pp. 63-64.

³⁰ CUNHA, Norberto Ferreira da (2011). «Leonardo Coimbra e a I República», in *República e Liberdade*. Lisboa: Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p. 37.

³¹ NOVA SILVA. *Revista Ilustrada*, Porto, 2 de fevereiro de 1907, Ano I, n.º 3, março de 1907, pp. 7-8.

³² SANTOS, Alfredo Ribeiro dos (1990). *Ibidem*, p. 61.

³³ VIANA, Manuel Couto (1950). «Já lá vão quarenta anos!...», in *Leonardo Coimbra – Testemunhos dos seus contemporâneos*. Porto: Livraria Tavares Martins, pp. 155-158.

E voa sempre, no delírio fulminador da áncia. E se aqui, além, as garras mais se lhe curvam – é para mais as vincar, para mais fundo gravar os sulcos...

Ela grita ardências de fogo. O bico bem forte, as asas bem rezezas – só ama a grandeza dos horizontes claros. E sempre para mais alto voa ela, lonje do grasnar ridículo da imbecilidade, bem fora do coaxar impertinente da estupidez.

Para lá, para lonje, para o alto – sempre para mais lonje e para mais alto!...»

A Águia, n.º 1, 1.ª Série, Porto, 1 de dezembro de 1910, p. 16

Logo após a implantação do regime republicano, é criada *A Águia*, a 1 de dezembro de 1910, data politicamente simbólica, representando a independência relativamente a Espanha. *A Águia*, definindo-se como uma revista quinzenal de literatura e de crítica social, vinha na sequência da publicação anarquista *Nova Silva*, referida no ponto anterior. O seu primeiro número contou com vários colaboradores como Manuel Laranjeira, Leonardo Coimbra, Jaime Cortesão, Raul Proença, Teixeira de Pascoaes e Augusto Casimiro.

A revista, fundada na cidade do Porto, teve sede na Rua da Alegria, tornando-se uma das principais publicações culturais do início do século XX. O destaque no meio cultural adveio do papel que assumiu no apoio à Revolução de Outubro de 1910, pelos nomes que se associaram ao projeto editorial, pela apresentação de textos inéditos de grandes figuras da literatura portuguesa oitocentista e pela colaboração, a partir da 3.ª série, de correspondentes no estrangeiro como Philéas Lebesgue, Unamuno, Ribero y Rovira, Almáquio Dinis, Costa Macedo, Álvaro Pinto e Armando Tâmega³⁴.

O projeto aguilista foi um encontro de intelectuais provindos de diferentes quadrantes político-ideológicos, que pretendiam contribuir para a implantação da República através da cultura e da arte, havendo nesta iniciativa um compromisso de mudança social. Torna-se interessante notar que no primeiro número da revista, em jeito de editorial, consta um artigo de Manuel Laranjeira intitulado «Os Homens Superiores na Selecção Social»³⁵, no qual o autor discorre sobre o papel e o valor dos intelectuais e dos artistas na sociedade portuguesa. No mesmo número Leonardo Coimbra reflete «Sobre Educação»³⁶, lançando o mote de uma das maiores batalhas da sua vida e um dos temas mais caros da intelectualidade da época. Neste artigo o jovem filósofo apresenta a sua opinião sobre o valor da educação, dizendo que «A educação dá a medida da liberdade humana», estabelece a relação entre educação e evolução social e científica de um povo, salienta o papel das elites nesse processo e

³⁴ PEREIRA, J. C. Seabra (1995). «Águia (A)», in *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas da Língua Portuguesa*, vol. 1, Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, p. 87.

³⁵ *A Águia. Revista Quinzenal*, Porto, 1 de dezembro de 1910, Ano I, n.º 1, pp. 1-2.

³⁶ *A Águia. Revista Quinzenal*, Porto, 1 de dezembro de 1910, Ano I, n.º 1, pp. 2-4.

acrescenta: «O progresso humano faz-se por via de múltiplos factores, entre os quais, como diz Tarde, a invenção (pretiro elaboração selectiva) de formulas e verdades novas pelos homens superiores e a imitação pela maioria». Prossegue dizendo: «O problema da educação é, pois, o problema de transmissão da cultura. Ele tem três aspectos. A escolha dos elementos essenciais da cultura – aspecto filosófico. Processos de transmissão desses elementos – aspecto pedagógico. [...] Os factores da educação apresentam o terceiro aspecto. São a família, a rua e a escola». Para além da temática pedagógica, Leonardo reflete sobre outro tema que marca a sua obra literária, a Ciência e o Cientismo. Neste sentido, merece destaque a sua reflexão sobre esta problemática: «A Ciência é o prolongamento gigantesco da enxada e da charrua. A filosofia é o complemento da Ciência. A arte é o prolongamento transformado dos primitivos tónicos da acção. A Ciência responde às necessidades do Homem: unicamente as necessidades do Homem se espiritualizaram e, de imperiosamente animais e instintivas, se fizeram reflectidas e discutidas. A ciência é desinteressada».

Leonardo Coimbra possuía formação científica, que adquiriu na Academia Politécnica do Porto, estava à vontade com Matemática e Física, e demonstrou na sua obra interesse e conhecimento em outras áreas científicas como Biologia, Psicologia e Sociologia. Por isso, o seu interesse em refletir sobre a Filosofia e o conhecimento científico. A primeira obra onde apresenta este interesse é *O Criacionismo* em 1912, sendo também *A Razão Experimental*, publicada em 1923, uma obra de reflexão científico-filosófica, representativa do seu conhecimento científico. Leonardo tornou-se provavelmente no intelectual com obra mais significativa no campo da reflexão filosófica do conhecimento científico, destacando-se no domínio da filosofia da ciência. Apesar disso, Leonardo Coimbra assumiu uma posição antipositivista. Por isso, nas primeiras páginas de *O Criacionismo*, afirma que «um dos benefícios, que o pensamento filosófico deve ao positivismo, é o da atenção que hoje desperta a metafísica», demonstrava assim o seu posicionamento no seio desta problemática que no meio intelectual e político ganhava dimensões relevantes, sendo o positivismo e o racionalismo correntes de pensamento mais próximas da ideologia republicana e por conseguinte do cientismo republicano. Contudo, *A Águia* seguiu o princípio antipositivista. Tal como referiu J. C. Seabra Pereira, esta revista destacou-se pela produção literária e pela intervenção cívico-cultural, tendo perfilhado «o republicanismo não-positivista, de nacionalismo cultural e de sinergia social conduzida por uma elite intelectual»³⁷. A intervenção

³⁷ PEREIRA, J. C. Seabra (1995). «Águia (A)», in *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas da Língua Portuguesa*, vol.1, Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, pp. 87-88.

cívico-cultural traduziu-se em intenso e substancial debate de questões educativas. É importante notar que o positivismo e o cientismo estavam associados aos princípios do republicanismo e orientavam desde finais do século XIX a construção política da República.

Leonardo publicou vários artigos sobre a temática filosófico-científica, refletiu sobre o ensino da matemática nos liceus, divulgou as ideias da teoria da relatividade e analisou as implicações filosóficas desta teoria³⁸. O autor terá sido o primeiro a divulgar a teoria de Einstein junto do grande público, e a revista *A Águia* terá sido a primeira revista cultural a divulgar os temas da ciência moderna e de índole científico-filosófica.

Para além do interesse demonstrado em questões científicas, Leonardo Coimbra trata ainda de várias temáticas. Desde a fundação deste projeto literário, em 1910, até ao ano da publicação de *O Criacionismo*, em 1912, Leonardo Coimbra participa com dezoito artigos³⁹, onde trata de literatura, ciência, ensino, sociedade e política.

Em 1912, *A Águia* associou-se à Renascença Portuguesa, tornando-se no órgão oficial do movimento, que continuou a reunir intelectuais de diversos quadrantes ideológicos e estéticos que partilhavam a mesma vontade de agir na sociedade, com a finalidade de recuperar o país, sobretudo a nível das mentalidades, e criar uma consciência cívica. Tal como referiu Teixeira de Pascoaes, nesse mesmo ano, «O fim da revista como órgão “Renascença Portuguesa” será, portanto, dar um sentido às energias intelectuais que a nossa raça possui, isto é colocá-las em condições de se tornarem fecundas, de poderem realizar o ideal que, neste momento histórico, abraça todas as almas sinceramente portuguesas: – criar o novo Portugal, ou melhor, ressuscitar a Pátria Portuguesa, arrancá-la do túmulo onde a sepultaram alguns séculos de escuridade física e moral em que os corpos definharam e as almas amorteceram»⁴⁰, definindo os

³⁸ «O problema do conhecimento – Perspectiva histórica»; «As doutrinas de Einstein. Seu valor científico e filosófico» (I Parte e II Parte); «Os Princípios da Relatividade Restrita».

³⁹ *Sobre Educação I* (1 de dezembro de 1910); *Carta* (15 de dezembro de 1910); *Natal e Ano Novo* (1 de janeiro de 1911); *O Poeta* (15 de janeiro de 1911); *A Arte e a Medicina. Antero de Quental e Sousa Martins – Jaime Cortesão – Coimbra- 1910* (15 de janeiro de 1911); *Sobre Educação II* (1 de fevereiro de 1911); *O Mistério* (escrito em maio de 1910; publicado, 1 de março de 1911); *Palavras de um desconhecido. Por Francisco Ferrer* (1 de abril de 1911); *O «Senhor Diabo» e Anto* (10 de julho de 1911); *Aos Poetas Portugueses Religiosos. Uma Monodologia (Fragmento)* (julho de 1911); *Uma Fala de Espíritos* (janeiro de 1912); *Excerto* (fevereiro de 1912); *Mater Dolorosa* (março de 1912); *A Matemática e a Realidade* (maio de 1912); *Revista Bibliográfica. O Regresso ao Paraíso por Teixeira de Pascoaes. Edição de «A Renascença Portuguesa»* (junho de 1912); *Águas Religiosas* (agosto de 1912); *O Mal e o Erro* (setembro de 1912); *O Duelo do Louco* (novembro de 1912).

⁴⁰ PASCOAES, Teixeira de (1912). «Renascença», in *A Águia*, 2.ª Série, n.º 1, p. 1.

princípios que orientavam o movimento cultural. Desta feita, *A Águia* acabaria por ficar associada ao Saudosismo de Teixeira de Pascoais, ao Criacionismo de Leonardo Coimbra e à atividade intelectual de Jaime Cortesão, constituindo estes os principais mentores do projeto renascentista.

A Águia esteve em atividade entre 1910 e 1932, por isso podemos considerar que teve uma vida longa, num contexto histórico complexo e instável. A publicação portuense foi organizada em cinco séries⁴¹, tendo Leonardo Coimbra assumido a direção, em 1922, num período particularmente sensível no percurso da revista e do regime republicano. Neste período surgem vários golpes de estado e pronunciamentos militares, que tiveram como consequência sucessivas demissões de governos, seguidas de formação de outros governos igualmente de curta duração. A 6 de março de 1921 é fundado o Partido Comunista e a 18 de maio é fundada a União Anarquista Portuguesa. No verão desse ano Oliveira Salazar é eleito deputado pelo Centro Católico e ocorrem confrontos sobre a questão religiosa. Em 1922, a instabilidade permanece e, apesar de as eleições legislativas, em 29 de janeiro, darem a vitória ao Partido Democrático, Afonso Costa recusa-se a formar governo. Alguns dias depois, a 6 de fevereiro o governo está nas mãos de António Maria da Silva; logo de seguida, em 18 de fevereiro dá-se uma tentativa de golpe de estado. Neste contexto conturbado, o preço do pão gera contestação social, havendo assaltos às padarias. No final do ano, a 7 de dezembro forma-se o 37.º Governo chefiado por António Maria da Silva. Como é possível verificar, o contexto em que Leonardo Coimbra assume a direção da *Renascença Portuguesa* é delicado, sobretudo tendo em conta que ainda se sentiam as mazelas do envolvimento de Portugal na Grande Guerra; por isso, o filósofo descreve toda esta situação da seguinte forma:

«No interior encontramos a Pátria assoberbada de dificuldades económicas e financeiras, a República, que quâsi todos nós, os fundadores da "Renascença", sonhamos bela e pura, cheia das feridas com as traições duns e o amor brutal de outros lhe têm cortado as carnes. Do exterior chegam-nos vozes de todo o mundo, erguidas sobre tantos corações que a metralha esfacelou, a cantar a nova esperança, a dizer a crise duma civilização, onde a injustiça e o desamor fizeram seus ninhos [...].

[...] teremos de servir a República com a consciência de democratas que sabem o valor e o significado da Democracia e não querem uma República simples formalismo político, sem conteúdo social de melhor justiça, mais heróica fraternidade, mais lúcida compreensão e esforço de progresso no bem [...].

⁴¹ SAMUEL, Paulo (1990). *A Renascença Portuguesa. Um perfil documental*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, p. 245.

Temos a consciência de que a grande categoria social que hoje une os homens é o Trabalho; é a cooperação no Trabalho, para a organização das forças produtoras dentro da Economia e da Moral que o nosso pensamento de democratas quer orientar a República»⁴².

Apesar do contexto conturbado, Leonardo Coimbra assume a direção do movimento apelando aos valores da Democracia e critica o estado da república em Portugal, apelando à ação e à produção e considerando o Trabalho o símbolo da reabilitação do país. Neste contexto, esta mensagem aos leitores é efetivamente um manifesto, demonstrando que Leonardo Coimbra foi um intelectual atento; apesar da sua sensibilidade poética e da sua profundidade filosófica, em momentos de crise ele pronunciou-se politicamente.

Leonardo foi diretor na III Série, entre julho de 1922 e dezembro de 1927, depois pertenceu à comissão diretiva na IV Série (janeiro de 1928 a dezembro de 1929), com Hemâni Cidade, José Teixeira Rego e António Carneiro; na última e V Série (janeiro a junho de 1932), esteve na direção com Sant'Anna Dionísio, Delfim Santos e Aarão de Lacerda⁴³.

Quando Leonardo Coimbra assumiu a direção da *Águia* em 1922, tinha 38 anos de idade, e grande parte da sua obra estava publicada: *O Criacionismo* (1912), *A Morte* (1913), *O Pensamento Criacionista* (1914), *A Alegria, a Dor e a Graça* (1916), *A Luta pela Imortalidade* (1918), *A Questão Universitária* (1919), *Camões e a Fisionomia da Pátria* (1920), *O Pensamento Filosófico de Antero de Quental* (1921), *Adoração. Cânticos de Amor* (1921) e *Do Amor e da Morte* (1922).

Para além da sua vida literária, tinha assumido o cargo de Ministro da Instrução Pública (de 2 de abril a 28 de junho de 1919), já estava envolvido na fundação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde era docente, e dirigia a revista dessa instituição. Neste contexto, havia sido eleito deputado ao Parlamento por Penafiel.

Entre 1921 e 1922, Leonardo Coimbra teve uma intensa atividade intelectual. Destaque-se a sua viagem a Madrid em fevereiro de 1922, onde proferiu uma série de conferências na Universidade, no Ateneu e na Residência de Estudantes⁴⁴, esta última representando uma instituição de divulgação intelectual e científica de referência na Europa, sendo os oradores apenas personalidades com mérito. À sua passagem por Espanha permite-lhe conhecer

⁴² COIMBRA, Leonardo (1922). «O Nosso Caminho», in *A Águia*, n.º 1, vol. I, 3.ª Série, pp. 5-8.

⁴³ SAMUEL, Paulo (1990). *A Renascença Portuguesa. Um perfil documental*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, p. 245.

⁴⁴ «Vida Universitária», in *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, n.ºs 5 e 6, 1923, p. 539.

pessoalmente Ortega y Gasset, Miguel Unamuno e Menendez Pelayo. Nesta passagem pela capital espanhola, foi condecorado pelo rei Afonso XIII com a Ordem de Isabel⁴⁵ e no seu regresso foi recebido no Porto com «calorosas manifestações»⁴⁶.

5. 1912: um ano de grandes acontecimentos

Desde finais do século XIX, uma via de afirmação e de ação política dos intelectuais foi a participação em periódicos, revistas literárias e movimentos culturais, fenómeno que se inicia na Europa industrializada, mas que rapidamente chega ao nosso país. O caso de Portugal não é diferente. Desde o século XIX, e ao longo do primeiro terço do século XX, que os intelectuais vinham a envolver-se profundamente em questões políticas. A Renascença Portuguesa (1912-1932) nasce nesse contexto. Segundo Rui Ramos, a Renascença Portuguesa foi «a mais ambiciosa organização de intelectuais alguma vez vista em Portugal»⁴⁷. A sua génese remonta alguns anos antes, não só *A Águia* (1910), mas a outros projetos como a *Nova Silva* (1907) e *A Vida* (1906). A sua fundação está envolta em dissidências, e os manifestos de Pascoaes e de Raul Proença demonstram as disparidades entre o núcleo do Porto e o núcleo de Lisboa⁴⁸. A linha de pensamento que ficaria ligada à Renascença Portuguesa para sempre, seria a do poeta amarantino autor do Saudosismo, amigo de Leonardo Coimbra. Desta feita, a Renascença Portuguesa ficaria associada ao legado de Guerra Junqueiro e de Sampaio Bruno, por isso, apesar da sua vontade de renascer e de reunir no seu seio intelectuais de várias sensibilidades ideológicas, o movimento literário português não realizou efetivamente uma rutura com o século XIX. Tal explica as dissidências no grupo, que levaram ao surgimento de novos projetos culturais: *Orfeu*, que nasceu em 1915, e *Seara Nova*, fundada em 1921, marcaram profundamente o campo cultural do século XX.

Leonardo Coimbra assistiu a tudo isto bem de perto e prosseguiu sempre no interior do projeto aguilista; aliás participou de forma sistemática neste projeto desde a sua fundação, em 1910, até ao seu encerramento em 1932, tendo

⁴⁵ «O sr. dr. Leonardo Coimbra é recebido pelo rei de Espanha», *Primeiro de Janeiro*, 1922-02-16.

⁴⁶ «Dr. Leonardo Coimbra: A sua chegada ao Porto é alvo de calorosas manifestações», in *Primeiro de Janeiro*, 1922-02-18.

⁴⁷ RAMOS, Rui (1994). «A Renascença Portuguesa», in *História de Portugal*, vol. VI, Lisboa: Editorial Estampa, p. 532.

⁴⁸ Esta temática foi desenvolvida, na perspetiva filosófica, por Paula Bastos, na sua obra publicada em 2010, intitulada *Heterogeneidade Teórica no Ideário da Renascença Portuguesa*.

publicado neste âmbito 62 artigos⁴⁹, apesar das dificuldades que acabaria por enfrentar no campo intelectual, tal como referiu Aarão de Lacerda:

«Depois vi-o de perto, a par de Pascoais e Jaime Cortesão na sua magnífica cruzada da Renascença Portuguesa. Foi aqui, no Porto, nas asas desse sonho, que Leonardo Coimbra, tomou mais vivo contacto com o público. A sua colaboração na revista *A Águia* e nos cursos organizados por aquela sociedade literária, tomaram o seu nome não geralmente admirado mas discutido no meio português – nada preparado para receber o choque do inaudito labor filosófico que foi a sua tese *O Criacionismo*»⁵⁰.

Para além destes intelectuais, é importante referir que a Renascença contou com a colaboração de muitos outros como Augusto Martins, Raul Proença, António Sérgio e Fernando Pessoa. Este movimento foi pioneiro e desempenhou um papel fundamental no *campo cultural* da época, tal como definido no art.º 2 do Capítulo I dos seus Estatutos «A Sociedade tem por fim promover a maior cultura do povo português, por meio da conferência, do manifesto, da revista, do livro, da biblioteca, da escola, etc.»⁵¹. Nos seus estatutos, a Renascença assume a demopedia, bem ao jeito de Sampaio Bruno, que escreveu no seu livro *Os Modernos Publicistas Portugueses* (1906): «Democracia disse o socialista Proudhon que era demopedia. De démos, povo; Kratos, governo. De démos, povo; paideia, instrução, educação»⁵².

Um ano depois a Renascença Portuguesa publica, no n.º 13 do seu órgão oficial, uma remodelação dos estatutos da associação, e no 3.º artigo declara: «O objectivo da Associação é, além do estreitamento das relações de solidariedade dos seus associados, o desenvolvimento educativo de todos os cidadãos portugueses, por meio da lição, da conferência, do manifesto, da revista, do livro, da biblioteca, da escola, da Universidade Popular, da excursão, da exposição»⁵³. Com isto, faz-se notar uma aproximação à perspectiva de Sérgio e de Proença, assim como ao regime político, incorporando conceitos políticos e republicanos como o de *cidadão* e *desenvolvimento educativo*.

⁴⁹ SAMUEL, Paulo (1990). *A Renascença Portuguesa. Um perfil documental*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, pp. 261-263.

⁵⁰ LACERDA, Aarão de (1950). «Duas Palavras de Saudade», in *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus contemporâneos*. Porto: Livraria Tavares Martins: Porto, p. 178.

⁵¹ «A Vida Portuguesa», *A Vida Portuguesa*, n.º 1, 31 de outubro de 1912, Porto: Renascença Portuguesa, p. 1.

⁵² BRUNO, Sampaio (1906). *Os Modernos Publicistas Portugueses*. Porto: Chardron, p. 385.

⁵³ *A Águia*, Série II, n. 13, janeiro de 1913, Porto: Renascença Portuguesa.

A Renascença Portuguesa, que nasce aquando do *Criacionismo*, empreendeu esforços no sentido de concretizar a missão que determinou nos seus manifestos, promoveu a educação popular, fundou cinco Universidades Populares, revelou desde o início uma forte preocupação com a educação para cidadania, destacou-se pela atividade editorial contando neste domínio com autores de prestígio da época⁵⁴ e ganhou visibilidade internacional. Os intelectuais que se reuniram em torno deste projeto tinham noção do seu poder, do poder das suas ideias e do papel da ação política desenvolvida a partir do campo literário. Aliás, António Sérgio, um dos polémicos membros da Renascença, apresenta uma ideia lapidar: «fundamos a Renascença na convicção, mais ou menos consciente, de que a Pátria demanda uma revolução construtiva; e de que a maneira mais eficaz de a tentar não são os processos vulgares da política, mas sim uma larga acção educadora»⁵⁵. Esta afirmação, que ilustra plenamente os princípios (políticos) da Renascença Portuguesa, também eram seguidos por Leonardo. Aliás, a este propósito Leonardo numa entrevista publicada no jornal *Mundo*, a 10 de agosto de 1912, disse: «A Renascença Portuguesa deseja dar uma finalidade à vida nacional. Temos vivido na embriaguez do combate à deshonestidade administrativa e todo o esforço moral se tem afirmado nesse sentido»⁵⁶; ainda nesta entrevista, apresenta um dos objetivos centrais do movimento, que ultrapassava as questões educacionais, pois a ação também passaria por uma moralização do sistema político.

No âmbito da Renascença, como foi referido anteriormente, Leonardo Coimbra participou com vários artigos na revista *A Águia*, e da mesma forma contribuiu no boletim dirigido por Jaime Cortesão *A Vida Portuguesa. Quinzenário de inquérito à vida nacional* (31 de outubro de 1912 a 2 de novembro de 1915), que publicou 39 números, nos quais se destacaram os seguintes temas: História de Portugal, a Renascença Portuguesa, a Universidade Popular, a Grande Guerra e problemáticas em torno da educação, religião, economia e sociedade.

O boletim *A Vida Portuguesa* teve como principais colaboradores António Sérgio, Augusto Casimiro, Bernardino Machado, Jaime Cortesão, Julião Quintanilha, Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra. O Boletim parece ter surgido num contexto em que a Renascença sofria críticas; de acordo com Jaime Cortesão, esta iniciativa nada teria a ver com isso, pois procurava

⁵⁴ PIRES, Daniel (1996). «Águia (A)», in *Dicionário da Imprensa Periódica Portuguesa do Século XX (1900-1940)*. Vol.1. Grifo Editores e Livreiros, lda., Lisboa, p. 40.

⁵⁵ «O Problema da Cultura», *Vida Portuguesa*, Ano II, n.º 23, 1 de março de 1914, pp. 21-22.

⁵⁶ «A Renascença Portuguesa», *A Vida Portuguesa*, n.º 8, 18 de fevereiro de 1913, Porto: Renascença Portuguesa, p. 62.

resolver quatro questões relacionadas com a Religião, a pedagogia, a economia e a sociedade. O boletim viria para ajudar a realizar o programa da Renascença, tentando resolver os problemas que afetavam o país «em harmonia com o espírito moderno, e especialmente em conformidade com as necessidades actuais, e o original espírito da Pátria Portuguesa»⁵⁷. Neste âmbito, formaram-se quatro comissões relativas aos problemas nacionais: o Problema Religioso, o Problema Educativo, o Problema Social e o Problema Económico. Leonardo Coimbra foi membro das duas primeiras comissões, cujos temas eram caros ao filósofo, e que foram tratados ao longo da sua produção literária, ocupando um lugar central nos seus debates políticos⁵⁸. A primeira colaboração de Leonardo Coimbra neste Boletim dá-se apenas no terceiro número, publicado a 30 de novembro de 1912, com um artigo de primeira página intitulado *O Problema Educativo*, no qual o autor reflete sobre a separação entre ensino e educação, assim como sobre a organização pedagógica. Mais uma vez, é a questão educacional a merecer publicação. Para além deste título, Leonardo apresentou apenas mais duas colaborações. Uma é uma entrevista intitulada *Porque abandonei o concurso*⁵⁹ (concede uma entrevista ao jornal *Mundo* em 10-08-12) e a outra é também uma entrevista intitulada *A Renascença Portuguesa*⁶⁰ (que é publicada a 18 de fevereiro de 1913).

Neste contexto, outra atividade na qual Leonardo se envolveu foi a Universidade Popular, projeto educativo que pretendeu levar formação a várias cidades (Porto, Vila Real e Póvoa de Varzim). Leonardo colaborou com o Curso de História da Filosofia, constituído por quatro lições, desde a Antiguidade Clássica até à Contemporaneidade, terminando simbolicamente com o *intuicionismo* de Bergson.

Para além deste projeto utópico, participou noutra projeto educativo, associado à Renascença Portuguesa, que foi a criação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1919-1931), quando Leonardo Coimbra foi Ministro da Instrução Pública. Nessa instituição, cuja fundação está envolta em polémicas, Leonardo reuniu um grupo de professores, recrutados entre o grupo de sócios da Renascença Portuguesa, professores do Liceu de Gil Vicente e estagiários da Escola Normal Superior. O facto de os membros do corpo

⁵⁷ «A Vida Portuguesa», *A Vida Portuguesa*, n.º 1, 31 de outubro de 1912, Porto: Renascença Portuguesa, p. 1.

⁵⁸ «Plano Geral deste Boletim», *A Vida Portuguesa*, n.º 1, 31 de outubro de 1912, Porto: Renascença Portuguesa, p. 7.

⁵⁹ «Porque abandonei o concurso», *A Vida Portuguesa*, n.º 6, 16 de janeiro de 1913, Porto: Renascença Portuguesa, p. 42.

⁶⁰ «A Renascença Portuguesa», *A Vida Portuguesa*, n.º 8, 18 de fevereiro de 1913, Porto: Renascença Portuguesa, pp. 62-63.

docente não prestarem provas de concurso, conduziu à indignação no meio académico português, facto que levou à não aceitação da nova instituição. Para além disso, existiam indícios de que poucos docentes contratados pertenciam ao Partido Republicano Português e alguns deles tinham sido apoiantes de Sidónio Pais⁶¹. Do grupo de docentes da Faculdade de Letras do Porto destacaram-se na época as seguintes personalidades: Teixeira Rego (1881-1934), Aarão de Lacerda (1890-1947) e Newton de Macedo (1894-1944). A Faculdade, associada à Renascença Portuguesa e aos seus princípios, foi onde Leonardo se destacou como professor e onde formou um grupo de discípulos que iriam marcar a Filosofia Portuguesa: Álvaro Ribeiro (1905-1981), José Marinho (1904-1975), Sant'Anna Dionísio (1902-1991), Delfim Santos (1907-1966), Agostinho da Silva (1906-1994) e Augusto Saraiva (1900-1975)⁶². Por isso, a herança leonardina estendeu-se pelo século XX, para além do Criacionismo e de todas as suas obras, pela mão dos seus seguidores.

A Faculdade de Letras da Universidade do Porto foi o grande projeto educativo e cultural de Leonardo Coimbra, uma das suas grandes utopias. O seu encerramento levou-o a um certo afastamento da atividade política, na medida em que a nova fase política, a Ditadura Militar (1926-1933), já não era a República onde Leonardo tinha desenvolvido a sua atividade intelectual e política. Logo depois do encerramento da Faculdade de Letras do Porto dá-se a dissolução da Renascença Portuguesa e por conseguinte da revista *A Águia*. Este projeto seria prolongado através da Revista *Portucale* (1928-1966), com quem partilhou a sede e, de acordo com José Augusto Seabra, «lhe herdou o espírito»⁶³.

A Utopia de Leonardo Coimbra, que consistia numa sociedade portuguesa renovada através da cultura (conceito mais abrangente que educação) e do conhecimento, terá seguidores. A geração dos discípulos de Leonardo Coimbra formou-se no âmbito da Renascença Portuguesa. Estes discípulos viriam a manifestar-se individualmente ou em grupo, com a *Revista 57*, dirigida por António Quadros, onde participaram Afonso Botelho, António Braz Teixeira, António Telmo e Orlando Vitorino.

Para além da atividade editorial e das Universidades Populares, foi missão da Renascença Portuguesa realizar conferências. Neste contexto, colaborando com o movimento portuense, Leonardo apresentou no Ateneu Comercial do Porto, em 18 de março de 1912, por ocasião do

⁶¹ RIBEIRO, Álvaro (1966). «A antiga Faculdade de Letras do Porto e a "Renascença Portuguesa"», in *Portucale*, n.º 2, 3.ª Série, pp. 36-37.

⁶² TEIXEIRA, António Braz (2008). *A Filosofia Portuguesa (Séculos XIX e XX)*. Lisboa: INCM, p. 65.

⁶³ SEABRA, José Augusto (1980). O Porto e a «Renascença Portuguesa», in *O Porto e a Renascença Portuguesa. Exposição Biblio-iconográfica*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida. Porto.

Comité Portuense da Renascença Portuguesa, a conferência *A Filosofia da Liberdade*, na qual inicia o seu discurso de hora e meia de forma paradigmática: «Eu trago o evangelho da Liberdade. Pequeno, simples e humilde, mas esforçado e sincero. Liberdade amorosa e criadora, por mim em mim procurada, não liberdade recebida por graça de Deus ou mercê dos homens»⁶⁴. Nesta conferência Leonardo reflete sobre diversos temas (como por exemplo: a Filosofia da Liberdade, a Realidade, os Sistemas Filosóficos, A. Comte, Kant, Hegel, o Criacionismo, o materialismo, o Olimpo) e apresenta as suas principais ideias em torno do *Criacionismo*. Estas, de resto, já tinham sido apresentadas publicamente na Festa dos Professores Primários, no Teatro Sá da Bandeira, na cidade do Porto, a 6 de Abril de 1911, onde disse: «Conhecer é caminhar no sentido da unificação cósmica. O Criacionismo é uma doutrina elevada e disciplinada. Como fim – a amplificação do amor, da justiça e da beleza. Como meios – os conceitos continuamente criados pelo espírito na sua actividade cognitiva»⁶⁵. Mas é em 1912 que a Renascença publica a sua teoria, após o malogrado concurso para Professor Assistente de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade Lisboa, no qual apresentou *O Criacionismo (Esboço de um sistema filosófico)*. Aquando da publicação desta sua primeira obra de carácter filosófico, o autor contava com 29 anos de idade. O aprofundamento da sua teoria levará à publicação em 1914 de outro livro intitulado *O Pensamento Criacionista*, com a chancela da Renascença Portuguesa.

O ano de 1912 é o ano da fundação da Renascença Portuguesa e da publicação de *O Criacionismo* de Leonardo Coimbra, que, para além de se tornar um marco incontornável no pensamento português, marcou o grupo aguilista, do ponto de vista filosófico. O *Saudosismo* de Teixeira de Pascoaes foi desenvolvido no plano literário, mais concretamente na poesia.

O período entre 1907 e 1912, isto é, entre a fundação da *Nova Silva* e a publicação de *O Criacionismo*, é uma fase importante para Leonardo Coimbra do ponto de vista intelectual. Durante este período Leonardo cristaliza as suas principais ideias filosóficas e políticas, ou melhor as suas utopias, que serão desenvolvidas ao longo do seu percurso.

⁶⁴ COIMBRA, Leonardo (2004). «A Filosofia da Liberdade», in *Obras Completas I (1903-1912)*, Tomo II, Lisboa: INCM, p. 300.

⁶⁵ COIMBRA, Leonardo (2004). «Uma Conferência de Leonardo Coimbra na festa do Sindicato dos Professores Primários», in *Obras Completas I (1903-1912)*, Tomo II, Lisboa: INCM, p. 405.

Fontes

- A Águia. Revista Quinzenal Ilustrada de Literatura e Crítica*. Porto: Tércio de Miranda (1910-1932).
- A Vida Portuguesa. Quinzenário de inquérito à vida nacional*. Porto: Renascença Portuguesa (1912-1915).
- AAVV (1950), *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus contemporâneos*. Porto: Livraria Tavares Martins.
- BRUNO, Sampaio (1906). *Os Modernos Publicistas Portugueses*. Porto: Chardron.
- COIMBRA, Leonardo (2004). *Obras Completas, 7 vols*. Lisboa: INCM.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa/Rio de Janeiro: 1940.
- NOVA SILVA. *Revista Ilustrada*. Porto (1907).
- Portucale. Revista de Cultura e Artística* (1966)
- Primeiro de Janeiro, 1922*.
- Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Porto: Tipografia de A Tribuna (1920-1923).

Bibliografia

- BASTOS, Paula (2010). *Heterogeneidade Teórica no Ideário da Renascença Portuguesa*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida.
- BOBBIO, Norberto (1997). *Os Intelectuais e o Poder*. São Paulo: Editora UNESP.
- BOUDON, Raymond (2004). *Os Intelectuais e o Liberalismo*. Lisboa: Gradiva.
- CALAFATE, Pedro (2000). *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. V, tomo I. Lisboa: Editorial Caminho.
- CATROGA, Fernando (2012). *O Republicanismo em Portugal. Da Formação ao 5 de Outubro de 1910*. Alfragide: Casa das Letras.
- CUNHA, Norberto Ferreira da (2011). «Leonardo Coimbra e a I República», in *República e Liberdade*. Lisboa: Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 37-137.
- CUNHA, Paulo Ferreira (2008). *Filosofia Política Contemporânea (1887-1939)*. Lisboa: INCM.
- FAVA, Fernando (2008). *Leonardo Coimbra e a I República. Percurso político e social de um filósofo*. Coimbra: IUC.
- FREITAS, Manuel da Costa (1998). «Guerra Junqueiro no Pensamento de Leonardo Coimbra», in *Colóquio Guerra Junqueiro e a Modernidade*. Porto: Universidade Católica/Lello Editores, pp. 69-77.
- LEAL, Ernesto Castro (2010). «República portuguesa, secularização e novos símbolos (1910-1926)», in *Revista da Faculdade de Letras – História*, III Série, vol. 11. Porto: FLUP, pp. 121-134.
- PEREIRA, J. C. Seabra (1995). «Águia (A)», in *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas da Língua Portuguesa*, vol. I. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, col. 85-90.

- PIRES, Daniel (1996). «Águia (A)», in *Dicionário da Imprensa Periódica Portuguesa do Século XX (1900-1940)*. Vol.1. Lisboa: Grifo Editores e Livreros, Lda., pp. 40-48.
- REAL, Miguel (2011). *O Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010. O labirinto da razão e a fome de Deus*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- RAMOS, Rui (1994) «A Traição dos Intelectuais», in *História de Portugal*, vol. 6. Lisboa: Editorial Estampa, pp. 529-561.
- RAMOS, Rui (1994). «A Renascença Portuguesa», in *História de Portugal*, vol. 6. Lisboa: Editorial Estampa.
- REMOND, René (1959). «Les Intellectuels et la Politique», in *Revue Française de Science Politique*, n.º 4, pp. 860-880.
- RIBEIRO, Lia (2003). «O Papel dos Intelectuais na Popularização Cultural Republicana», in *Revista da História das Ideias*, vol. 24. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias, pp. 255-310.
- SAMUEL, Paulo (1990). *A Renascença Portuguesa. Um perfil documental*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida.
- SANTOS, Alfredo Ribeiro dos (1990). *A Renascença Portuguesa. Um movimento cultural portuense*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida.
- SEABRA, José Augusto (1980). «O Porto e a "Renascença Portuguesa"», in *O Porto e a Renascença Portuguesa. Exposição Biblio-iconográfica*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida: Porto, s/p.
- SOVERAL, Eduardo Abranches (1987). «Análise de O Criacionismo de Leonardo Coimbra», in *Didaskália*, Revista da Faculdade de Teologia de Lisboa, fascículo 1, Volume XVII, pp. 27-40.
- TEIXEIRA, António Braz (2008). *A Filosofia Portuguesa (Séculos XIX e XX)*, Lisboa: INCM.
- TRINDADE, Luís (2007). «Introdução à Vida Intelectual. Intelectualidade, crise e senso comum nos anos 30 em Portugal», in *Cadernos do CEIS20*, n.º 4. Coimbra: CEIS20, pp. 7-35.